



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GRUPO DE PESQUISADORES EM DANÇA - POÉTICAS DESCOLONIAIS NO ESPAÇO URBANO/PÚBLICO - OCUPAÇÕES, DEAMBULAÇÕES, INTERVENÇÕES NO ESPAÇO URBANO/PÚBLICO

DANÇA, ÁRVORES E UMA COREOPOLÍTICA EM ESPAÇOS PÚBLICOS

RICARDO ALVARENGA RIBEIRO

Este artigo propõe reflexões sobre dança contemporânea e performance em espaços públicos considerando seus potenciais estético-políticos de provocação de dissensos. Partindo de considerações sobre o trabalho *Hominidae*, operação artística em que ocupo árvores em centros urbanos tramando-as com fios brancos e habitando-as por cerca de 10 horas ininterruptas, proponho enlaces entre relatos das experiências ativadas nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, Maceió, São Paulo, Natal e Uberlândia – considerando peculiaridades das situações e acontecimentos; e a noção de “coreopolítica” encontrada em André Lepecki (2011) afirmando a simultaneidade entre a arte e a sua força política específica, sua capacidade de reinvenção do corpo, dos sentidos e dos afetos. Tal trama pretende ressaltar potencialidades artísticas de criar novos modos de existir, de experimentar o corpo e a cidade e de produzir conhecimentos segundo a capacidade da dança em teorizar os contextos sociais onde emerge. PALAVRAS-CHAVE: dança contemporânea, coreopolítica, espaço público.

RIBEIRO, Ricardo Alvarenga. Danza, árboles y una coreopolítica en espacios publicos. Uberlândia: Universidad Federal de Uberlândia. Professor Substituto de la Universidad Federal de Uberlândia. Artista del cuerpo y de la imagen.

RESUMEN

Este artículo propone reflexiones acerca de la danza contemporánea y de la performance en espacios públicos teniendo en cuenta sus potenciales estético-políticos de provocación de disidencias. A partir de las consideraciones derivadas del trabajo

- 939 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Hominidae - operação artística que consiste em mi ocupación de árboles en centros urbanos durante alrededor de diez horas ininterrumpidas, a la vez que voy tejiendo tramas de hilo blanco mientras los habito-, propongo vínculos entre apuntes de las experiencias activadas en las ciudades Belo Horizonte, Curitiba, Maceió, São Paulo, Natal e Uberlândia – teniendo en cuenta las peculiaridades de las situaciones y acontecimientos; y la noción de "coreopolítica" que se encuentra en Lepecki André (2011) afirmando la simultaneidad entre el arte y su fuerza política específica, su capacidad de reinención del cuerpo, los sentidos y los afectos. Esta trama tiene como objetivo reconocer el potencial artístico de crear nuevas formas de existir, de experimentar el cuerpo y la ciudad y de producir conocimientos según la capacidad de la danza de teorizar los contextos sociales en los cuales emerge. PALABRAS-CLAVE: danza contemporánea, coreopolítica, espacios público.

RIBEIRO, Ricardo Alvarenga. Dance, trees and a coreopolitic in urban space. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Substitute teacher. Universidade Federal de Uberlândia. Artist.

ABSTRACT

This article proposes reflections on contemporary dance and performance in public spaces considering its aesthetic-political potentials of provocation of dissensions. Starting from considerations about the work Hominidae, artistic operation in which I occupy trees in urban centers plotting them with white threads and inhabiting them for about 10 uninterrupted hours, I propose links between reports of experiences activated in the cities of Belo Horizonte, Curitiba, Maceió, São Paulo, Natal and Uberlandia - considering peculiarities of situations and events; and the notion of "choreopolitics" found in André Lepecki (2011) affirming the simultaneity between art and its specific political force, its capacity of reinventing the body, the senses and the affections. This plot aims to point out artistic potentialities of creating new ways of existing,



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

experiencing the body and the city and producing knowledge according to the capacity dance has to theorize the social contexts in which it emerges.

KEY-WORDS: contemporary dance, choreopolitics, public space

As motivações e reflexões deste artigo começaram numa ação sobre árvores realizada em centros de algumas cidades: Curitiba, Uberlândia, São Paulo, Belo Horizonte, Maceió e Natal entre os anos de 2009 e 2012. Trata-se de uma operação artística de nome *Hominidae*, cujo programa se dá em cinco atos: (1) na cidade em que será realizado, caminho por regiões centrais e de grande fluxo de pessoas, em busca de uma árvore que possa me acolher – de médio a grande porte, galhos espaçados, boa saúde. Escolhida a árvore (2) realizo, no início da manhã de outro dia, uma tramagem de seu tronco e galhos com fios de malha branca, numa coreografia ascendente que busca enlaçar a árvore desde sua base até os galhos mais altos. Este ato tem duração aproximada de uma hora e meia.

Hominidae – Uberlândia, 2009



Foto: Thiago Carvalho

Terminada a tramagem, (3) inicio uma permanência sobre a árvore por cerca de 8 horas consecutivas. Durante este ato o principal movimento é o de pausar e permitir a contemplação e a dilatação da atenção ao ambiente, ao meu corpo, aos corpos dos outros que passam pelo local e aos afetos que surgem; (4) finalizo a ação descendo da

- 941 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

árvore junto com os últimos raios de sol do dia; mantenho os fios enrolados; (5) sigo para o lugar onde estou hospedado e me dedico a fazer anotações da experiência: testemunhando coisas que ouvi, vi, pensei, senti e percebi.

Durante as ações de tramagem e permanência nas árvores sigo também alguns procedimentos ou regras: (a) não desço até que o trabalho seja finalizado, em consequência disto me abstenho de urinar ao longo do dia. De alguma forma, fisiologicamente meu corpo se adapta a situação; (b) Me alimento de algumas frutas: bananas e maçãs. Elas ficam expostas numa bolsa feita dos mesmos fios de malha, pendurada em um galho. (c) Dentro da bolsa há também um reproduutor de música com fones de ouvido e um livro, em geral de filosofia ou arte. Este objetos, podem ou não ser usados, segundo peculiaridades de cada experiência. (e) Não falo com as pessoas que se aproximam, mas olho nos olhos, escuto-as, dou-lhes atenção, não dou respostas, mas me interesso por suas perguntas e pelas oportunidades de encontros e afecções. (f) Durante a permanência, realizo práticas de autoconsciência inspiradas em técnicas de estudos somáticos e de respiração que me ajudam no exercício de me manter no tempo presente e de implementar um equilíbrio de tônus adequado às situações, afinal são muitas horas de atividade e a energia precisa ser moderada com atenção, considerando inclusive os riscos de queda. (g) Não faço gestos ou movimentos de interpretação, representação ou improvisação de dança; nem tampouco ensaio a subida na árvore. (i) Por algumas vezes, faço invertidas de cabeça para baixo, amarrando-me ao troco pela cintura, o que altera minha circulação sanguínea, meu ponto de vista do espaço e consequentemente a forma como sou visto. Na permanência, minha dança está na potência de habitar a árvore, pausar meu corpo e mover os sentidos.

Hominidae – Uberlândia, 2009



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

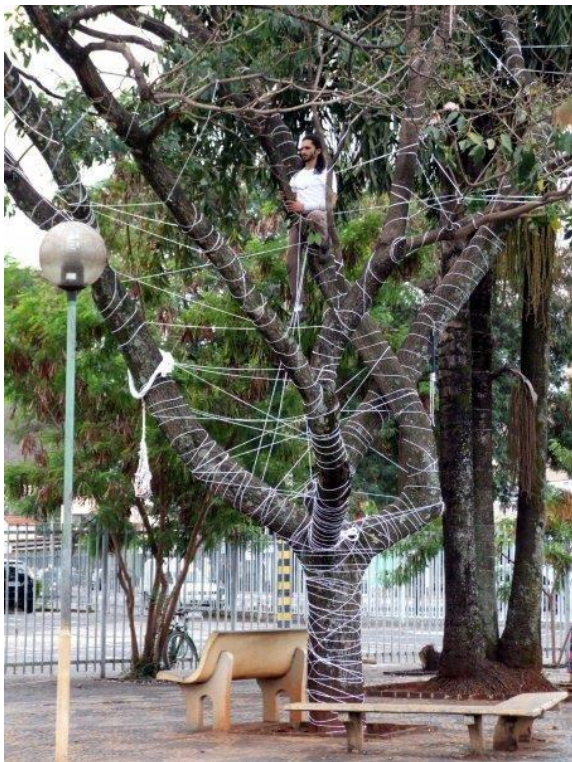


Foto: Thiago Carvalho

Com as experiências que tive com esse trabalho e acompanhando o trabalho de outros artistas da intervenção urbana, em especial performers e dançarinos que colocam o corpo em jogo com a cidade, fui percebendo que há na constituição de determinados trabalhos realizados no espaço público, uma ativação política específica configurada em suas potencialidades de produzir dissenso em locais da cidade onde, diferentemente dos institucionalizados (teatros, museus, galerias e afins) a arte não está necessariamente inteligível enquanto Arte, não está sinalizada ou protegida por paredes, não dá textos, nem releases, nem tampouco declara sua autoria. Ela se apresenta incógnita enquanto coisa. E como tal, desafia a produção de sentidos, as noções utilitárias do uso do corpo e da cidade, bem como os modos de representações e significação entre artista e transeunte, entre arte e não-arte.

Para o filósofo Jacques Rancière em seus estudos sobre regime estético das artes, o que constitui relações próximas e constitutivas entre arte e política está justamente nas suas



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

capacidades de produção de dissenso, entendido como “uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável (RANCIÈRE, 2002:7).” Desse modo, o dissenso não é apenas a discordância de dissidentes, de grupos contrários, assim como a política não é uma disputa de poder ou de administração, mas trata-se de modos de provocar deslocamentos e possibilitar novas organizações no tempo-espço onde os envolvidos são convocados a se reorganizarem diante das perturbações. Assim, para ele:

o dissenso tem por objeto o que chamo o recorte do sensível, a distribuição dos espaços privados e públicos, dos assuntos de que neles se trata ou não, e dos atores que têm ou não motivos de estar aí para deles se ocupar (RANCIÈRE, 1996, p 372).

Mas quem seriam os atores urbanos do dissenso? Quem seriam os que desafiam os hábitos de corpos dóceis, domesticado pelas normas de condutas quem regem a cidade e os comportamentos? Quem seriam os que ocupam as ruas da cidade para além de um simples ir e vir - utilitário e consumista? Quem são os que se dão o direito de falar nos lugares públicos onde sua voz não está prevista? Eu diria que são aqueles que de alguma maneira profanam a espetacularização das cidades, encapadas de asfalto e cimento, monumentalizadas, iluminadas, limpas e estetizadas segundo um projeto moderno de urbanismo voltado ao consumo e ao utilitarismo. São aqueles que na rua se demoram. Talvez os sejam, os moradores de rua, os andarilhos que caminham sem destino e borram um projeto higienista de cidade. Ao lado destes, proponho considerar aqui como possíveis atores os manifestantes, os que usam a rua para protestar, para dar voz a uma política que contrapõe as decisões tomadas no confinamento das repartições administrativas do estado; e proponho sobretudo, diante do interesse no assunto, considerar os artistas que, instigados pela experiência estética, organizam outros modos de existir na cidade, modos diferenciados das normativas, e que desviam o esperado no cotidiano das pessoas e das coisas. Como nos diz Rancière:

O próprio do dissenso político, é que sempre pelo menos um dos elementos da cena não está constituído: seu lugar, seu objeto, os sujeitos

- 944 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

aptos a falar dele, etc... o interlocutor dissensual fala em dois mundos ao mesmo tempo e a relação argumentativa entre estes dois mundos é dada na invenção conflitual. (RANCIÈRE, 1996, p 372)

Essa ideia de invenção conflitual parece compactuar com procedimentos desviantes que determinados trabalhos artísticos procuram instaurar no corpo da cidade provocando experiências em que “a perda de relação estável entre o sensível e o inteligível não é a perda de poder de se relacionar, é a multiplicação de suas formas(RANCIÈRE, 2002:27)”; é a ampliação dos modos de existir e agir no meio, o da arte e o da cidade, tornando o deslocamento sensorial, um modo de proporcionar encontros, relações e afetos. E assim sendo, um modo de fazer/ser política.

Devo salientar que ao considerar a arte como política não significa compreendê-la na sua capacidade de portar e emitir mensagens de cunho político ou posicionamentos partidários que nela possa haver, mas sim considerar a maneira como pode configurar um sensorium espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a algo ou no meio de. Trata-se de considerar formas específicas de visibilidade, que podem modificar as relações entre formas sensíveis e seus regimes de expressão e significação. Formas de vivenciar o mundo e provocar novos modos de percebê-lo, individual e coletivamente.

O crítico de arte e pesquisador dos estudos da performance, André Lepecki (2011), referenciado na noção de dissenso de Rancière, se propõe a analisar trabalhos artísticos ativados no espaço urbano segundo uma ideia de “coreopolítica” em que sugere pensarmos nos modos como nos movermos no, e com o corpo da cidade, possibilitando “entrar no concreto do mundo e das relações humanas”, acionando coreograficamente, ou performaticamente “uma pluralidade de domínios virtuais diversos – sociais, políticos, econômicos, linguísticos, somáticos, raciais, estéticos, de gênero” (LEPECKI, 2011:46) que se fazem visíveis, no roçar do corpo pelas rachaduras da cidade. Uma certa “coreopolítica do chão” (LEPECKI, 2011:47) que permite perceber e se relacionar ativamente com as fissuras, as rachaduras, os desníveis que ali existem, inscrevê-los no



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

próprio corpo, ao mesmo tempo que também neles se inscreve o corpo em ação – um existência efêmera e a possibilidade de um porvir.

Na experiência com o trabalho *Hominidae*, descobri, para além das fissuras do chão, uma possível coreopolítica das árvores realizadas no contato com suas cascas, com a textura irregular de sua pele, os nós de seus entroncamentos, sua presença viva e pulsante, e sobretudo com suas parcerias desviantes. Constatei que se relacionar com árvores na cidade, tramá-las, subir, se demorar sobre elas era de fato dissensual, incomum, comportamento fora de lugar, que provocava encontros, questões e deslocamentos aos que passam e se afetam. Das coisas que ouvi e tomei nota, compartilho algumas:

Macaco! - É o homem aranha! - Você mora aí? - Desce moço! - É uma ação pela paz. - Eu se não tivesse dores nas costas, subiria com ele. - Ele está ali para as pessoas ficarem admirando ele. - É arte contemporânea! - Ele deve ser da universidade. - Não entendo o que ele faz ali, mas parece interessante. - Acho que ele é muito folgado. - Quer ajuda para descer irmão? - É um trabalho de arte. - Vou subir aí e te derrubar! - Você está sujando a árvore. - A gente aqui trabalhando e ele ali, de rei. - Você deveria se matar - Para que serve isso? - Seu viado, filho da puta! - Moço, seu trabalho é generoso. - O que tá fazendo aí brother? - É artesanato? - Vá trabalhar! - Você acha que é bonito ser feio? - Você ganha dinheiro com isso? - Dá um sorriso para eu tirar uma foto? - Ele tá chamando atenção dos políticos, para que façam coisa melhor. - E serve para alguma coisa? - Você sabe que esta árvore está te passando muito energia, né? - Eu não acho que ele seja louco. - Desce amor, eu volto pra você, não precisa ficar assim. - Está enfeitando a árvore - Sim, ele é louco. - Ele tá querendo suicidar. - É porque parece com Jesus Cristo. - Você tá precisando é de uma namorada, mas tem que descer para arrumar. É namorada ou namorado que você tá precisando? - Ele deve ter perdido alguém da família. (RIBEIRO, 2014, p. 130)

- 946 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Diante destas transcrições é possível visitar um pouco da diversidade de falas e disposições que se deram durante as ações. Podemos notar uma heterogeneidade de modos de relação/significação e uma impossibilidade de definições e sentidos únicos. Podemos perceber que há ativações das figuras do louco, do artista, do manifestante, do desocupado, do Messias – todos figuras que habitam a cidade, ou seu imaginário, e se diferenciam no espaço público configurando uma visibilidade nem sempre aceita, e muitas vezes mal vista pelos administradores públicos ou pelo controladores da ordem e do capital.

Uma coisa que ouvi em todas as cidade que realizei o trabalho e que, parece sintomático a constituição política dissensual típica de determinados trabalhos de intervenção urbana é a interpretação de que é um protesto: - “Mas sobre o que moço? ... Se você não disser, não vai adiantar ficar aí em cima... Você trabalha para o *Greenpeace*? ... Está protegendo a árvore?... É uma greve de fome? ...” (RIBEIRO, 2014:131).

Hominidae – São Paulo, 2010



Foto: Roberto DelDuque

Não seria novidade associar o ato de subir em árvores como um protesto. Podemos por exemplo reconhecê-lo na literatura de Ítalo Calvino no livro *O barão nas árvores*, ficção

- 947 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ambientada no século XVII em que o protagonista, ainda na infância, diante da repressão sofrida pelos pais durante o almoço por não querer comer *escargots*, sobe na árvore como um ato rebelde e decide nunca mais descer e passa toda a sua vida retirado da sociedade, habitando árvores, criando caminhos aéreos, causando uma série de situações sociais de contra conduta.

Também podemos citar, não mais como ficção, mas realidade crua de nosso país, o ato político em protesto contra a desocupação do prédio do Museu do Índio, na Aldeia Maracanã no Rio de Janeiro, que se deu nos preparativos da cidade para os jogos da copa da mundo, situação em que foram realizadas várias desapropriações arbitrárias por parte do governo e da polícia.

O índio Urutau Guajajara amanheceu nesta terça-feira em cima de uma árvore, nas proximidades da Aldeia Maracanã, em protesto contra a ação de reintegração de posse realizada na segunda-feira, por agentes do Batalhão de Choque do Rio. Bombeiros tentam retirar o indígena, que resiste. Um colchão foi colocado no chão por precaução, já que ele está cansado e debilitado. O índio Ash, da Aldeia Maracanã, tentou levar comida para Zé Guajajara, mas foi impedido pelos policiais... (Jornal do Brasil, 19/12/2013).

Depois de 26 horas, o índio José Urutau foi retirado da árvore... Bombeiros haviam tentado retirá-lo com a ajuda de uma escada e até de equipamentos de escalada e rapel, mas ele resistia agarrado a um tronco. Por volta de 11h30m, ele foi forçado a encerrar o protesto acompanhado pelos bombeiros... No momento em que foi puxado pela primeira vez, uma corda passava pelo pescoço de Urutau. Ativistas que estavam no local temiam que acabasse enforcado pela própria equipe de resgate. Uma ambulância do Samu, que estava de plantão no local, levou Urutau para o hospital. Parte dos cerca de 20 manifestantes que davam apoio ao índio tentaram entrar na frente da ambulância, porque não tinham conseguido saber o estado de saúde do índio. Houve tumulto, e a Polícia

- 948 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Militar acabou dispersando o grupo com spray de pimenta (Jornal o Globo, 17/12/2013).

Rancière já havia considerado a relação entre a política e a polícia, tratando do possível entendimento de política como “conjunto das atividades que vêm perturbar a ordem da polícia pela inscrição de uma pressuposição, que é a igualdade de qualquer ser falante para outro ser falante (RANCIÈRE, 1996:372).” No entanto “do ponto de vista da polícia, a rua é um lugar de circulação”, não é bem um lugar permitido a fala, mas à passagem. Sendo assim, qualquer paragem - fora dos bancos de praça onde se pode sentar e permanecer por curtos espaços de tempo – ou aglomerações que reúnam um número razoável de pessoas em determinados espaços da cidade pode ser considerada uma contravenção a ordem imanente da circulação.

Não à toa que a polícia está sempre presente nos atos de manifestação política, tentando muitas vezes de forma truculenta, conter a voz daqueles que querem falar em oposição aos atos de governança sobre suas vidas. O próprio do dissenso nestes casos dos protestos, é o fato de que os espaços públicos deveriam ser, pelo menos originalmente, o lugar da política, o lugar onde se debate as questões e decisões sobre a cidade, mas sabemos que as decisões políticas que recaem sobre a cidade acabam por serem tomadas, dentro dos prédios do governo, onde além de decidirem pelo destino coletivo dos cidadãos, arquitetam modos de conter as reações que possam haver nas ruas, contrárias as decisões que se fazem entre paredes – decisões estas que deveriam contemplar a representatividade de uma maioria, que tampouco tem seus direitos de voz respeitados.

Voltando novamente as reflexões que se movem aqui a partir do campo artístico e de sua composição estético-política na cidade, podemos considerar a proposição de Lepecki sobre o controle dos movimentos daqueles que transitam pelas ruas através de uma “coreopolícia”, baseada nas ações daqueles que paradoxalmente, de forma legítima e arbitrária, operam em função de uma manutenção da ordem, regendo e condicionando os movimentos, regendo os ritmos e as direções que devem tomar os corpos na circulação pela cidade.

- 949 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

um sistema de presença e um vetor de força que determinam, orientam e contêm movimentos e danças que se atrevem, mesmo que provisoriamente e por via de seus surpreendentes movimentos inusitados, a mudar os lugares onde elas se dão. (LEPECKI, 2011, p. 53)

A primeira vez que realizei o trabalho *Hominidae*, conheci na prática, o que posteriormente encontraria nas discussões de Lepecki, sobre a “coreopolícia”. Em Curitiba, na primeira hora em que estava realizando a tramagem, fui abordado por dois policiais da Guarda Municipal, eles me perguntaram o que eu estava fazendo. Respondi que estava fazendo um trabalho de arte. Me perguntaram se eu tinha licença da prefeitura. Respondi que não. Na sequência, de forma ríspida e autoritária, me mandaram tirar os fios e descer da árvores. Ordenaram ainda, que eu fosse ágil, pois ficariam ali esperando e não gostariam de perder tempo. Tentei argumentar. Sem me darem ouvidos, ameaçaram me levar preso se eu não cumprisse suas ordens imediatamente. Eles permaneceram no local durante todo o processo de desenrolar os fios e somente saíram, depois que nada mais havia.

Na insistência em realizar o trabalho, decidi encaminhar um pedido de autorização junto a prefeitura de Curitiba, durante este episódio percebi claramente o potencial de perturbação que a proposição causava na máquina administrativa. Tive que ir e voltar muitas vezes na secretaria de urbanismo e meio ambiente. Os responsáveis por cada secretaria, a princípio se recusaram a me dar a autorização por “não terem competência para deliberá-la”. Palavras do próprio funcionário. Tive que apresentar argumentos, escrever um relatório que explicasse os procedimentos e que argumentasse meus motivos. O responsável pelo pedido na secretaria de urbanismo negou algumas vezes minha solicitação, argumentando dentre outras coisas uma lei local cujos argumentos não sustentavam a negativa. A lei que me apresentou, dizia que era proibido danificar ou matar árvores, e colar cartazes. Não era o meu caso.

Hominidae – Curitiba, 2009

- 950 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

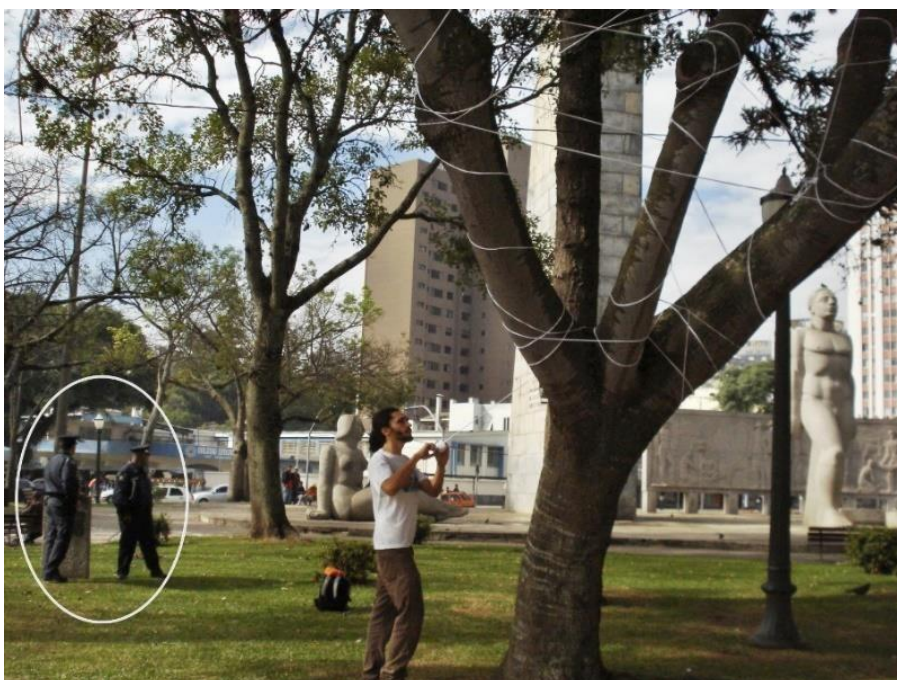


Foto: Ângelo Luz

Em um dado momento de nossa negociação, ele decidiu encaminhar minha solicitação para seus superiores, tentando delegar a eles a decisão, porém segundo o funcionário, eles devolveram o relatório dizendo que ele deveria cuidar dos assuntos referentes a sua unidade. Neste vai e vem das (in)decisões, consegui finalmente a autorização escrita, depois de um mês insistindo nos meus direitos de expressão artística e manifestação. No dia da ação na cidade, não faltou a presença do fiscal de urbanismo e da polícia para me pedir satisfações, documentos e autorização, que desta vez, estava em meu bolso em um papel timbrado da prefeitura com assinatura do responsável. Desta vez, a “coreopólicia” não conseguiu impedir ou determinar minha coreografia de pausa e de resistência.

Mas as tentativas de impedimento, ou mesmo de ameaça agressiva, não aconteceram somente na figura da polícia. Elas também se deram na figura de pessoas de diferentes classes sociais que passaram pela praça e encontraram ‘um homem sobre a árvore’. Em Curitiba, me deparei com muitas reações de repressão. Um homem que passava, jogou um objeto tentando me acertar. Um outro, aparentemente morador de rua, se invocou

- 951 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

com minha presença e insistiu que eu deveria descer e ir embora. Ele foi e voltou ao local em momentos diferentes do dia e em um deles ameaçou me derrubar, tentou subir na árvore dizendo que me pegaria, mas não conseguiu, era uma árvore relativamente difícil de subir. Em outro momento notei outro possível morador de rua fazendo gestos representativos de uma arma atirando em minha direção.

Pude notar também uma senhora que esbravejava contra minha presença dizendo que eu estava sujando a árvore. Um outra senhora, puxou os fios tentando retirá-los mas sem sucesso. Um repórter de um programa de TV local se aproximou de mim e tentou me entrevistar, olhei fixamente em seus olhos e mantive meu silêncio. Posteriormente, soube por uma amiga que por acaso, viu a reportagem num canal de TV aberta, que o repórter anunciou minha presença e disse que as pessoas na praça estavam querendo me linchar, por que eu me parecia com Judas.

No meio do dia, recebi uma ameaça de morte que me deixou realmente abalado. Um jovem aparentando aproximadamente vinte e cinco anos, ao atravessar a praça caminhando, acompanhado de outro jovem, me avistou de longe e disse:

- Isso aqui em Curitiba não pode!

Seguindo caminho em direção à árvore onde eu estava, fez uma interrogação/ameaça:

- Será que eu consigo acertar uma pedra a cinquenta metros?

Passando então pela árvore, acrescentou:

- Cuidado que amanhã você poderá estar na tribuna, heim?

A Tribuna é o jornal impresso conhecido pela ênfase dada às notícias criminais. Estas sentenças retesaram meu corpo no momento. Senti-me realmente ameaçado, exposto e frágil, principalmente por conhecer o fato de que, na época, a polícia estava investigando crimes de possíveis grupos neonazistas que vinham atuando com certa frequência na cidade, agredindo homossexuais e moradores de rua. (RIBEIRO, 2014, p. 135)

- 952 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Demorei um pouco para me recuperar das perturbações que senti durante esta primeira experiência com o trabalho. Mas passado alguns meses, decidi que faria também em outras cidades, para reativar a ação e perceber diferentes nuances de suas provocações.

Hominidae – São Paulo, 2010

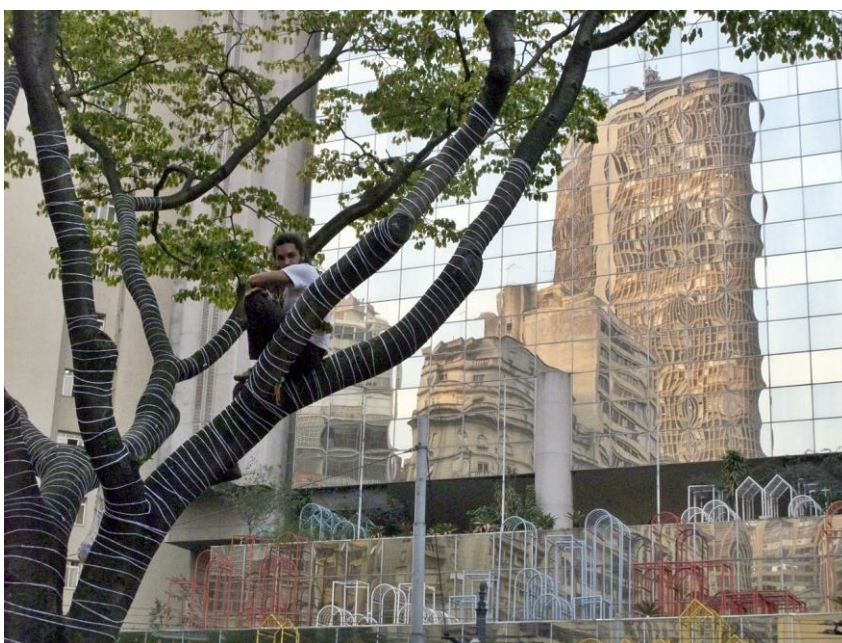


Foto: Roberto DelDuque

Na cidade de São Paulo, realizei a ação na praça da República, bem em frente a uma das portas de entrada e saída da estação local de metrô. Ali a polícia apareceu, já nos primeiros 10 minutos em que passava o fio na árvore. Como já esperava por isso, e conhecendo o histórico truculento da polícia paulistana, tinha comigo o papel timbrado e assinado pela administração local, o que possibilitou que eu continuasse. Mas diferentemente de Curitiba, em São Paulo o trabalho não me pareceu gerar reações agressivas por parte das pessoas que passaram pelo local. A cidade tem outra dinâmica, outras temporalidades e talvez esteja mais habituada a presença de artistas e de andarilhos nas ruas do centro. Minha sensação é de que *Hominidae* assumia ali um caráter mais poético e menos provocador.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Cada cidade, cada dia da ação, fui percebendo reações distintas, modos de acolhimento ou repulsa que se davam em diferentes qualidades, tanto do local, quanto do global. Nas cidades de Natal, Maceió e Uberlândia, percebi reações mais brandas e mais afetuosas. Percebi uma maior frequência de sorrisos.

Em Natal, uma das peculiaridade que encontrei foi que a maioria das pessoas que me via, não se manifestava. A sensação era a de que fingiam que não viam, ainda que eu percebesse que estava sendo visto, era como se eu não estivesse lá, em cima da árvore tramada de fios. Fiz a trama numa árvore localizada próximo a três prédios do poder público: a prefeitura, a assembleia legislativa e o tribunal de justiça. Por ali passavam muitas pessoas que trabalhavam ou se destinavam a estas três instituições. Neste trânsito de pessoas, se por um lado, vivenciei uma certa apatia nos transeuntes, por outro encontrei afeto em um guardador de carros que passou todo o tempo se relacionando comigo. Posso dizer que de certo modo ele agenciou minha presença com o entorno. Falou várias vezes comigo, mesmo sem ter nenhuma resposta. Chegou a me oferecer para ir comprar mais bananas quando notou que na bolsa dependurada em que as guardava, já não havia nenhuma. Ele me mostrava para as pessoas que passavam e não me olhavam ou que olhavam e nada diziam, em especial para os donos dos carros que ele vigiava. Fazia com que eles tivessem alguma reação, respondessem algo sobre o que viam. Alguns sorriam e balbuciavam coisas. Cheguei a ouvir ele dizer: “olha que bonito o cara em cima da árvore”, “ele só come bananas”; “tá aí desde as 6 horas da manhã”, “ele não fala, mas olha nos meus olhos”. Sim, houve empatia entre nós e também com seus amigos que passaram o dia ali, tomando cachaça e acompanhando minha presença inusitada. Eu estava no território deles e fui bem aceito. Um deles chegou a subir na árvore, para pegar na minha mão. Estendi-lhe a mão de bom grado.

Em Maceió, percebi muitos sorrisos, muitos mesmo. Minha presença parecia gerar uma empatia que eu não tinha percebido em nenhuma outra cidade, pelo menos não com aquela intensidade. Poucas pessoas falaram algo diretamente para mim. Mas percebi que muitas visivelmente se afetavam de alguma maneira; paravam e contemplavam por ângulos diferentes. No geral sempre com sorrisos. Não recebi nenhuma agressão verbal,



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

mas notei o mesmo gesto que já havia presenciado em Curitiba, uma mão posicionada como se fosse uma arma em minha direção, desta vez, feita por um dos seguranças de um prédio público bem próximo ao local. Também novamente me deparei com a mídia televisiva - um jornalista de algum programa sensacionalista da televisão juntamente com o cinegrafista chegou no fim do dia para tentar me entrevistar. Subiu na árvore com microfone na mão, tentou saber o que acontecia, quais eram os motivos de eu estava ali. Nada respondi. Ele se foi prometendo voltar. Desta vez, não tive notícias de nenhuma matéria televisiva sobre a situação

Na cidade de Belo Horizonte, realizei o trabalho em uma árvore localizada numa região de carga e descarga de caminhões no centro da cidade. Na esquina havia uma câmera de segurança pública, colocada em um poste. Não sabia se conseguiria realizar a ação diante da vigilância, porque desta vez eu não tinha autorização, mas também não tive problemas em permanecer. A polícia chegou a passar pelo local, mas não se deteve a parar e me abordar. O que me chamou a atenção desta vez foi que ouvi com recorrência o questionamento sobre a serventia do meu ato, em especial dos trabalhadores que transportava as cargas. Um deles chegou a dizer: “a gente aqui trabalhando e ele ali, passando de rei.” Ouvi também pessoas questionando se aquilo me dava dinheiro. Se eu estava trabalhando. Se eu morava ali, se eu estava enfeitando a árvore.

Hominidae – Belo Horizonte, 2009



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS



Foto: Ana Reis e Marcelle Louzada

Em Uberlândia a ação se deu de uma forma bem tranquila, com poucas reações repressivas, uma delas a de um advogado que vi gesticulando, apontando para mim e esbravejando. Eu estava numa árvore na calçada do fórum da cidade, ao lado de um ponto de ônibus. Num dado momento, uma jovem passou pelo local e se deteve ali por vários minutos. Ela me perguntou algumas vezes o que eu estava fazendo, eu a olhava nos olhos, mas nada dizia. Em um momento, segurando um pedaço do fio enrolado ao tronco ela me disse: “Moço, seu trabalho é muito generoso.” Guardei isso com afeto, considerando um contraponto às agressões que já havia recebido anteriormente.

Para finalizar esta sequência de relatos, compartilho aqui um último encontro que se deu quase 3 anos depois da realização de *Hominidae* em Uberlândia. Fui assistir ao ensaio de uma escola de samba, a Tabajaras, reconhecida na cidade como patrimônio cultural de resistência negra. Eu estava num canto, curtindo o samba, quando uma senhora integrante da comunidade se aproximou de mim com um sorriso no rosto, a respiração ofegante, parecendo estar emocionada:

- Você é o homem da árvore!?

- 956 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Sorri e respondi que sim, imaginando que ela falava do *Hominidae*. E ela então disse:

- Eu sabia! Vi você em cima da árvore, passei com meu filho e você estava lá, numa árvore cheia de fios, perto do fórum. Sabia que era você assim que te vi aqui.

Eu disse: Que legal! Interessante você me reconhecer depois de tanto tempo. Sorrimos e conversamos um pouco sobre o samba, o enredo e a vida. E então perguntei:

- Mas me diga, como foi se deparar com a situação de ver um homem sobre a árvore tramada de fios?

Ela respondeu: - Olha, fiquei impactada. Estava com meu filho. Parei e fiquei olhando da esquina. Na hora me perguntei o que você estava fazendo lá em cima. Não entendi nada. Fui embora para casa e no caminho, voltei pensando no que eu estava fazendo na minha vida. Como eu estava vivendo. Te ver me fez pensar sobre isso, sobre minha vida.

Meu olhos imediatamente se encheram de lágrimas, dei um abraço apertado nela e agradei pelo presente que tinha acabado de receber.

De fato foi um grande presente, um retorno inesperado que recebi anos depois da realização do trabalho. Considerei uma oportunidade rara, porque muitas vezes, fazemos nossos trabalhos mas não temos um retorno das reverberações que causam naqueles que se sentiram afetados pela experiência estética. Relatos como esse, me fazem acreditar, para além da política de contestação e do desvio, também na política dos afetos. Na possibilidade dos arrebatamentos, do encontros inesperados, que ainda que efêmeros, podem modificar o modo como vemos a nós mesmos e as nossas relações com os outros e com o mundo. Talvez seja essa, uma das qualidades presentes na arte, cuja existência não está exatamente na corpo, no objeto, na obra, ou na performance propriamente dita, mas sim no encontro, nos atravessamentos de afetos que deslocam os sentidos.

- 957 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Neste momento, após traçadas linhas de percepções sobre a ação *Hominidae* nas distintas cidades, chamo a atenção para uma hipótese apontada por Lepecki, a de que a dança ou a performance, no ato, “no momento em que se encorporea no mundo das ações humanas, teoriza inevitavelmente nesse ato, o seu contexto social”. Sendo assim, pode ser entendida para além da suas qualidades artísticas e políticas, também como um modo de pesquisa social e contextual, que é inerente a própria vivência dos espaços em que se realiza. Essa perspectiva possibilita tratar a dança também em suas perspectivas teorizantes, em sua capacidade de produzir conhecimento sobre o mundo, na ação de mobilizar corpos, relações, ambientes e afetos. Lepecki considera que tratar a dança como:

uma “teoria social da ação” capaz de “interpelar e revelar as linhas de força que distribuem as possibilidades (energéticas, políticas) de mobilização, de participação, de ativação, bem como de passividade traria para essa arte uma particular força crítica (LEPECKI, 2011, p. 45).

Trata-se de reconhecer na dança e na performance, uma força epistemológica, que vasculha o mundo e descobre nexos e sentidos, constata relações, testemunha vínculos, ou a falta deles, destaca os discursos de ordem, ao mesmo tempo em que desafia os espaços e proporciona desvios à obediência de corpos dóceis, domesticados pela manutenção da lei e da ordem vigente. Como diria Lepecki, podemos pensar em “uma dança que se faz também uma epistemologia ativa da política em contexto (LEPECKI, 2011:45).”

De fato, as experiências que tive com o trabalho *Hominidae*, me fazem crer que colocar o corpo de modo diferenciado na cidade, inventar novos modos de existir (modos artísticos) e organizar formas desviantes de visibilidade, potencializam a quebra de padrões sensoriais habituais, tanto naqueles que se propõe como nos outros que se afetam com a proposição, e faz com que deslocamentos estéticos, políticos, somáticos sejam provocadores de questões que desafiam os campos de representação do senso comum, perturbam os sentidos e permitem produção de conhecimentos - sobre si, sobre as cidades, seus modos de operação, seus espaços de conflitos e suas diferentes vozes.

- 958 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Acreditando numa produção específica de conhecimentos, que nós artistas engendramos na duração de nossas ações e configurações estéticas, bem como nos possíveis desdobramentos das reflexões posteriores sobre o vivido; finalizo este artigo apostando nas potencialidades de confluência entre pesquisas artísticas e acadêmicas e nas disrupções de entendimento entre teoria e prática, de forma a alcançarmos uma maior complexificação de saberes em que o artista-pesquisador, friccionando potencialidades: do corpo, da consciência e dos discursos amplia relações com o mundo através de um deslocamento de si e uma proposição para os outros.

REFERÊNCIAS

APÓS 26 horas, *Índio é retirado de árvore em terreno no Maracanã*. O Globo, Rio de Janeiro, 17 de dez. de 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/apos-26-horas-indio-retirado-de-arvore-em-terrenono-maracana-11088799#ixzz3JXnPSlgx>. Acesso em 04/11/2016.

CALVINO, Italo. *O barão nas árvores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LEPECKI, André. *Coreopolítica e coreopolícia*. Florianópolis, SC. Ilha Revista de Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina: v. 13, n. 1,2. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/21758034.2011v13n1-2p41/23932> Acesso em 04/11/2016.

POLÍCIA *militar retirar índios da Aldeia Maracanã*. O Globo, Rio de Janeiro. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/policia-militar-retira-indios-da-aldeiamaracana-11080605> Acesso em: 04/11/2016.

RANCIÈRE, Jacques. *O dissenso*. In: NOVAES, Adalto (org). *A crítica da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

_____. *The Aesthetic Revolution and its Outcomes*, In: New Left Review, NLR 14, Março-Abril 2002, pp. 133- 15. Disponível em:

https://newleftreview.org/article/download_pdf?id=2383 Acesso em 04/11/2016

_____. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Ricardo. *Arte como modo de existência uma trama entre práticas filosófico-artísticas, cuidados do corpo e procedimentos em dança contemporânea*. Dissertação - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Dança. Salvador, 2014.